



## JUDEUS E JUDIAS EM LISBOA: AS VAGAS E AS TENDÊNCIAS

Marina Pignatelli <sup>1</sup>

### *A CIL*

Portugal, pela sua posição geográfica, privilegiada pelo contacto com o Atlântico e Mediterrâneo, desde cedo, atraiu gentes e culturas muito variadas. Especialmente, a cidade de Lisboa, também pela sua situação estratégica, tem vindo a funcionar, desde tempos imemoriais, como um bom porto de abrigo para inúmeros povos, entre os quais os judeus, de cujas provas arqueológicas e documentais referem a existência, já desde a Iª Diáspora, no início da Era Cristã.

Metaforicamente pode-se dizer que os judeus de Lisboa são como uma árvore já de raízes muito profundas e velhas no território – uma árvore com um tronco forte e uma seiva com qualidades muito específicas – e que dá frutos ainda hoje, senão polémicos, pelo menos nunca indiferentes. Por tudo isto, ela tem sido sujeita aos mutantes “climas históricos”, tem andado ao sabor dos ventos, de acordo com as vontades dos governantes e elites responsáveis pelos vários contextos. Ora é para abater porque incomoda – Ora é para regar, porque dos seus frutos há necessidade.

Muitas ramagens foram destruídas, muitos frutos foram queimados vivos, mas muitos outros fizeram história e deixaram semente, um pouco por todo o mundo. E a verdade é que esta árvore, este tronco, persiste até hoje aqui, em Lisboa.

A primeira referência de judeus em território ibérico surge numa inscrição que se crê ser de uma lápide funerária, encontrada perto de Toledo e datada do sec. III d.e.c., onde aparece o nome de uma mulher: “Junia.”<sup>2</sup>

Mal os tribunais do Santo Ofício amainaram, após séculos de perseguições que praticamente destruíram todo o rasto de vida judaica em Portugal, voltaram para se instalar em Lisboa um núcleo de judeus, vindos de Marrocos e Gibraltar, ainda nos finais do sec. XVIII. Era um grupo de judeus sefarditas bastante homogêneo e zeloso na prática da sua fé, que teve de esperar até 1912, para ver aprovados os estatutos da sua congregação.

- A estes se foram juntando alguns poucos marranos ou cristãos-novos, descendentes dos judeus sefarditas que haviam chegado à Península com a I diáspora – cripto-judeus que resistiram

<sup>1</sup> Doutorada em Ciências Sociais, na especialidade de Antropologia Cultural pelo ISCSP – Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas - Universidade Técnica de Lisboa, mpignatelliscsp.utl.pt

<sup>2</sup> SCHWARTZ, Samuel. *Hitória da Moderna Comunidade Israelita de Lisboa*. Separata de *O Instituto*, Lisboa, Vol. 119 e 120, 1959. p. 3



aos 300 anos de Inquisição e que tiveram de ser re-iniciados na ortodoxia judaica para se integrarem na CIL.

- Seguiram-se, já no início do sec. XX, os judeus askenazis, fugidos dos Programs de Leste e, mais tarde, os judeus da Europa Central, refugiados da II Guerra, que usaram Lisboa como plataforma de fuga para outros destinos. Dos milhares que por cá passaram, apenas alguns ficaram, alterando significativamente a constituição desta comunidade.

- Desde os anos 80, com a abertura dos mercados e fronteiras da Europa, que têm chegado à cidade, judeus das mais variadas proveniências (recentemente muitos vindos do Brasil, por exemplo). Pela diversidade dos seus percursos e experiências, estes judeus muito têm contribuído também para o enriquecimento cultural e étnico da actual CIL.

Quando se fala da presença contemporânea dos judeus em Portugal, fala-se normalmente do seu regresso nos princípios do sec.XIX, coincidindo com o enfraquecimento da Inquisição e a sua abolição em 1821. Mas seria mais rigoroso falar em regresso do judaísmo, em vez de regresso dos judeus.

A análise do seu passado e do modo próprio como constroem a sua etnicidade – e que foram objecto de um estudo anterior – permitiram compreender que os judeus de Lisboa formam, uma comunidade reduzida e bastante heterogénea, porque é composta por indivíduos de diferentes origens e nacionalidades, com durações de estadia em Portugal variadas, bem como, pertencendo a ramos e movimentos judaicos distintos.

Apesar de se manterem ligados às suas origens, os membros desta comunidade encontram-se, no entanto, bem integrados, partilhando um sentimento de pertença muito intenso, embora essa identificação étnica ou a construção dessa etnicidade, se materialize em práticas, comportamentos e formas de estar no judaísmo muito variados. Laicos ou ortodoxos, reformistas ou conservadores, sefarditas ou askenazis, mais ou menos praticantes (*Chomer Shabat* ou não), deste ou daquele ponto do globo, todos sentem intensamente que são judeus. Mas como o são – é uma escolha pessoal.

A CIL, contudo, não deixa de ser uma **comunidade de diáspora** que se define por uma terra mítica de origem, uma história de dispersão, uma lealdade para com os principais centros religiosos judaicos da diáspora – Palestina (*Gerizim*), Babilónia e Egipto e uma identidade colectiva definida de modo importante por essa relação. Ao mesmo tempo e na prática, forma-se com isto, **um mundo social** - ligado por formas culturais, relações de parentesco, circuitos de negócios, trajectórias de viagem e pelo apoio continuado a esse território.<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> James Clifford (1997) W. Safran (1991) (Tololian 1991). Boyarin 1993.



Sendo orientada primordialmente por uma ligação à terra perdida - e aqui entra a imagem ou estereótipo do judeu errante – o judeu com o bode, arrastado pela barca do Inferno de Gil Vicente - é neste âmbito também uma **comunidade simbólica**, que existe em pensamento com vários significados. Para além de ter uma existência física efectiva, com um contingente humano e estruturas próprias, um passado e um património étnico comum, o conteúdo desse significado de pertença, vai-se reconstruindo e reestruturando permanentemente, consoante as diferentes intensidades e frequências com que os membros se inter-relacionam, bem como segundo a afectividade que atribuem a essa pertença.

### *A Mulher para os Judeus*

Teólogos, historiadores e investigadores, em geral, não chegaram ainda a consensos sobre questões relativas ao género e relações de forças das figuras modelares no Judaísmo e, por consequência, na tradição judaico-cristã. Depois da “invenção” do monoteísmo no masculino, que destrona figuras femininas como criadoras, protectoras, mães, subsistem relatos de adoração de divindades emprestadas ou difundidas da Antiguidade mesopotâmica, como Anat, Astarte (Jz 2:13; 10:6; Samuel 31:10; Reis 11:5; 33-2; e 23:13) entre os hebreus, quebrando a fidelidade a *Yahvé* ou *Adonai* (*O Senhor*) a quem tinham sido delegados todos os poderes. “*Deus criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus os criou macho e fêmea*”, diz o Génesis (1:27) ou foi ao contrário: “*o homem criou os Deuses à sua imagem*” num antropomorfismo já notado por Xenofanes, no sec.V a.e.c.? Por outro lado, o debate subsiste sobre se Eva foi criada depois de Adão ou em simultâneo, como iguais ou com uma relação de subalternidade. No Génesis, há, supostamente uma igualdade fundamental entre o homem e a mulher: o primeiro humano é, ao mesmo tempo, masculino e feminino «*Ele criou-o homem e mulher*», como complementares. “*A mulher foi feita da costela do homem, não dos pés para ser pisada, nem da cabeça para ser superior, mas sim do lado para ser igual, debaixo do braço, para ser protegida e do lado do coração para ser amada*”, diz o Talmud.

Para criar a mulher, Deus “*retira ao homem uma costela*”, que o comentário rabínico lê: “um lado”. Por outras palavras, para criar a mulher, Deus separou a parte feminina da parte masculina, provocando um doloroso sentimento de imperfeição. Pela tentação da serpente (Eva), os homens (Adão) viram-se votados à ambivalência das mulheres para o bem e para o mal e forçados a desconfiarem delas. Se seguidoras e transmissoras da Lei, levam o homem a Deus. Se são sedutoras e distanciam dos mandamentos, são inimigas.



Quanto às matriarcas bíblicas, estas seguiram a preocupação de Eva que inaugura o destino feminino da maternidade e tanto Sara como Rebeca e Lia lutam e esperam longos anos no combate à esterilidade. Lia, que amava sem ser amada, mas era mãe por vontade divina, simbolizou a ligação de Deus com Israel. Por esse facto, marcou a leitura da Bíblia e a mentalidade de todas as comunidades judaicas, até hoje, “*condicionando a atitude dos judeus praticantes, face aos diversos problemas da sociedade – contracepção, fecundação in vitro, aborto – que as interpelam no mundo contemporâneo*”<sup>4</sup>.

São igualmente três mulheres que salvam Moisés “Retirado das Águas” do Nilo e garantem a perpetuação do povo judeu quando, no Egipto, o Faraó lhes decretara sentença de morte: **Joquebede**, sua mãe (Ex 2:1-10; 6-20), **Miriam**, a irmã que morreu com honras de profeta e foi reconhecida pelo próprio Deus como escolhida para liderar as mulheres de Israel, para saírem do Egipto, junto com Moises e Arão <sup>5</sup>(Num 26-59; Mq 6.4) e **Thermuthis**, a filha do Faraó que o salvou e adoptou na corte (Ex 2:1-9).

A preponderância dos homens, reis e profetas na condução da História aparece ainda temperado com marcas de matriarcalismo em coexistência na apropriação dos campos do poder, com a construção do patriarcado – mulheres que tecem outros modelos que superam o papel tradicional de esposa e de mãe.

É o caso de **Débora**, Juiza, Profetiza e o paradigma da mulher decidida tanto na guerra como na paz; tal como **Miriam**, irmã de Moisés, cuja fonte salvava e curava; **Houlda**, do tempo de Jeremias, que predisse a infelicidade dos israelitas por se terem desviado de Deus; **Esther**, a rainha que quebrou ditâmes e usou da beleza e sedução para salvar o seu povo (entre os marranos de Belmonte, por exemplo, é chamada “*a Santa Rainha Esther*”), tal como **Judite** também fizera; ou ainda **Rute**, cujo Livro relata em parábola a representação desta princesa como *arquetipo da convertida*; ou **Ana** que prefere emolar os seus sete filhos e a si própria, a ter de profanar a sua fé; **Susana**, esposa casta que resiste à calúnia; **Tamar**, que se faz passar por prostituta e se deita com o sogro para manter a linhagem; **Raab**, a prostituta de Jericó que assegura a salvação de Israel à entrada de Canaã; **Betsabé**, mulher de Urias, amada por David, cujo pecado é perdoado por ter

---

<sup>4</sup> STEINSALTZ, A. *Hommes et femmes de la Bible*, Paris: Albin Michael, 1990. p. 33.

<sup>5</sup> Por ocasião da fuga da escravidão do egipto, Miriam fez um cântico junto com Moises, considerado um dos primeiros poemas da Bíblia.



gerado Salomão. Estas contrapõem outras mulheres saídas do silêncio pelo seu papel de instrumentos do diabo e comportamento sedutor: Eva, Putifar, Dalila.<sup>6</sup>

*Diferentes naturezas, diferentes papéis*

A família nuclear integra no seu seio, em princípio, um conjunto de elementos - pai/mãe/filho/filha, que repartem entre si diferentes papéis sociais. Aprender os papéis de cada um é uma das funções da socialização da família e do bom equilíbrio sócio-emocional dos indivíduos. É no desempenho destes papéis que se estabelecem entre os elementos da família, relações horizontais e outras verticais que, de igual modo, se irão reflectir no equilíbrio do conjunto e no bom desempenho das funções que a família tem.

Esta transmissão de modelos foi-se alterando com os tempos e hoje são variadíssimas as formas como são desempenhadas todas as tarefas do agregado familiar. Estudos antropológicos comparativos tentaram verificar e vieram a confirmar que a repartição básica de papéis na família não era exclusiva da cultura ocidental. Em geral, o homem tende a assumir o papel de líder instrumental e a mulher, o de líder expressivo<sup>7</sup>. Na tradição bíblica, as mães ensinavam às filhas as tarefas domésticas, o fabrico do pão e do linho, enquanto os rapazes aprendiam o ofício manual dos pais. Tanto as artes e o manejo das ferramentas, como as relações de trabalho dos pais eram aspectos importantes para a educação dos filhos.

Hoje, mudaram os papéis e as características das actividades de cada um. Homens e mulheres trabalham fora de casa, os casais vivem mais para si, a função da socialização das crianças fica relegada para as escolas, o divórcio banalizou-se, a par do aumento da importância específica dos conjuntos e do próprio casamento. As famílias judaicas em Lisboa também não foram insensíveis a este processo de mudança na estrutura familiar.

Independentemente de toda a evolução histórica ou sócio-cultural, em todos os contextos e entre os judeus também, considera-se que homem e mulher têm naturezas diferentes, não sendo a mulher considerada inferior, porque «*tu debes amar a tua mulher como o teu próprio corpo*», escreve o Rabi Loew Betsalel, no sec.XVI, numa época em que ainda se perguntava se as mulheres teriam alma.

Tradicionalmente entre os judeus, o homem está associado ao mundo da espiritualidade e tem como funções o culto, o estudo da Torah – a actividade judaica por excelência - mas também

<sup>6</sup> GARCIA, M.A. *Judaísmo no Feminino*, Lisboa: Instituto de Sociologia e Etnologia das Religiões - Universidade Nova de Lisboa, 2006. p. 75-82.

<sup>7</sup> BARATA, Óscar Soares *Introdução às Ciências Sociais*, 2 Vols., Lisboa: Bertrand Editora, 1986.



toda a actividade exterior – o trabalho remunerado, a acção pública, etc. E quando o pai não está ou morreu, é o filho mais velho (o *behor*) que o substitui. “*quando houver um homem à mesa, é ele que conduz*” (as bênçãos), explicou-me uma entrevistada da CIL. A mulher está ligada ao mundo material, à gestão das coisas da casa e à educação dos filhos. “*A mulher faz o pão de sábado, passa à filha as atenções da casa. O pai põe as suas atenções no filho*”, disse ainda outra inquirida. E é difícil ter muitos filhos e, em simultâneo, ter uma carreira profissional bem sucedida, pois as competências irão falhar seguramente para um dos lados.

Efectivamente, o mundo material não é, de todo, considerado como desprezível pela tradição judaica: “*e Deus viu que era bom*” (Gen:1). O ser humano tem precisamente como tarefa, melhorar a criação, através da sua acção. Não sendo essencial o culto público no judaísmo, o papel da mulher é, nesta perspectiva, fundamental, pois é o de concretizar o judaísmo na vida familiar. Para melhor desempenharem essa missão, segundo a argumentação rabínica, as mulheres estão dispensadas de cumprir com os *mitzvot* (mandamentos), de estudar a *Torah*<sup>8</sup>, de ir ao templo, de atender aos serviços religiosos fora de casa, não contando para o seu *quorum (minian)*<sup>9</sup>. Mais precisamente incumbe-se às mulheres as seguintes responsabilidades: em primeiro lugar, a educação das crianças e a transmissão dos valores judaicos; a estrita aplicação das leis de separação alimentar (*cacher*); a preparação das festas e pratos tradicionais, transmissão da importância do seu valor simbólico, zelar pelas leis da pureza sexual (banhos, isolamento ou abstinência em período de regras) e não desviar, antes impulsionar os maridos a seguir a Lei, os cursos rabínicos e cuidar deles, como referido. Não têm xailes de oração como os homens (*Tallit e Tefilin*) nem solidéu (*Kippa*) mas, entre os ultra-ortodoxos, devem cobrir as cabeças com lenços ou cabeleiras, usar saias até aos pés e não tocar nem olhar nos olhos outros homens que não sejam o marido (e mesmo a este, só quando não está menstruada). Bem entendido, as mulheres podem trabalhar no exterior, mas não em detrimento do seu papel familiar. Na falta de mulher em casa, lembro-me do exemplo dado por Raquel que refere que: “*a mulher é que está em casa, mas conheço um homem divorciado que ensinou tudo à mulher-a-dias*”. É revelador o salmo lido na refeição da noite de *shabat*, chamado *Aishes Chayil*:

«*Uma mulher perfeita, quem consegue encontrar? Muito para lá de pérolas é o seu valor.  
O coração do seu marido confia nela e ele não terá falta de fortuna.  
Ela devolve o bem dele, mas nunca o seu mal, todos os dias da sua vida.  
Ela vai em busca de lã e linho, e suas mãos laboram com gosto.  
Ela é como um navio de um mercador, de longe trás o seu sustento.  
Ela levanta-se enquanto é ainda de noite, e dá comida aos do seu lar e uma ração aos seus servos.  
Ela vislumbra uma terra e compra-a, com o fruto do seu trabalho ela planta uma vinha.  
Com força ela se prepara para o trabalho e revigora os seus braços.*»

<sup>8</sup> Estudar a Kabbalah é exclusivo dos homens e acima dos 40 anos.

<sup>9</sup> Se bem que entre os judeus não se contam pessoas.



*Ela discerne que a sua empresa é boa – por isso a sua vela não é apagada à noite.  
Ela estende as suas mãos para o fuso, enquanto as suas palmas suportam a roca.  
Ela abre a sua palma aos pobres e estende as suas mãos aos miseráveis.  
Ela não teme a neve no seu lar porque todo ele está coberto de lã escarlata.  
Lençóis luxuriantes ela própria fez, de linho e lã roxa são as suas roupagens.  
Distinto nas assembleias surge o seu marido, quando ele se senta com os anciãos da terra.  
Ela faz uma capa para vender, e entrega cintas ao negociante.  
Força e majestade são as suas roupagens, ela aguarda com alegria o último dia.  
Ela abre a boca com sabedoria, e uma lição de bondade está na sua língua.  
Ela antecipa os afazeres do seu lar e não partilha do pão da preguiça.  
Os seus filhos erguem-se e louvam-na, o seu esposo proclama-a:  
“Muitas filhas reuniram coisas notáveis, mas tu suplantaste-as todas”  
Falsa é a graça e vã é a beleza, uma mulher temente a Iahweh deve ser louvada.  
Dêem-lhe os frutos das suas mãos e deixem que ela seja louvada às portas da cidade pelos seus próprios feitos.»<sup>10</sup>*

Como se torna claro, neste contexto é feito um hino à figura da esposa ideal, que surge descrita como vigorosa, sensata e dedicada ao marido, aos filhos e à casa. Embora os comentadores das Escrituras estejam de acordo em afirmar que se trata de um capítulo alegórico, ele é considerado uma referência, para uns, em termos de *shabat*, para outros de sabedoria, para outros de *Torah*, etc. A mulher chega a ser chamada entre os judeus “*uma ajuda contra ele* (homem)” quer dizer que ela serve de apoio na luta do homem contra as suas próprias más inclinações ou, explicando de outro modo, se ele merece, ela ajuda, senão ela é contra.

Este mesmo salmo é também recomendado ainda hoje em dia, para ser lido pelas raparigas da C.I.L. por ocasião do seu *Bat Mitzvah*. Quando assisti a uma destas cerimónias iniciáticas, a jovem proferiu primeiro um discurso em hebraico e depois um outro, mais curto em inglês, seguido de um outro ainda mais reduzido em português. Resolvi, tempos mais tarde, perguntar à mãe da rapariga iniciada, de nacionalidade brasileira, que discurso era aquele que a filha tinha lido na sinagoga. A mãe, que gentilmente se prontificou a ir procurá-lo no álbum de fotografias, informou-me que a versão que tinha guardado para recordação era em hebraico e que não sabia traduzir. Apenas sabia que o conteúdo era «...*de fazer arrepiar os cabelos de qualquer mulher! Aquilo ali, era bom para o Rei Salomão, que tinha trezentas mulheres e setecentas concubinas! Não dá, né?*» Daí que a versão portuguesa e inglesa tenham sido o resultado de uma selecção criteriosa feita pela mãe da rapariga para os convidados portugueses e estrangeiros que não soubessem hebraico, especialmente os amigos da escola, não-judeus (*Goi*).

Geralmente, como me foi explicado por uma das inquiridas, a este propósito: “*É a mulher que gere e o homem que sustenta*” ou melhor, nas palavras de outro entrevistado: “*O homem,*

---

<sup>10</sup> Livro dos Provérbios (31:10-31).





*teoricamente é que conduz a vida espiritual e o sustento, a mulher tem mais a função de apoio, de 'back up' em casa. Um trabalho de equipa bem sucedido, o dos meus pais”.*

Na verdade, perpetua-se de certa forma, esta divisão de papéis e espaços reservados a homens e mulheres, tanto na esfera privada como pública. Sabemos que, tal como antigamente, nas Igrejas e ainda hoje, em geral, nas mesquitas e sinagogas, as mulheres são relegadas para segundo plano, relativamente aos homens, em local recolhido de contacto visual para não os dispersar da atenção durante as orações – o *Ezrath nashim*. Na sinagoga de Lisboa (*Shaaré Tikvá*) elas sentam-se sempre na primeira ou segunda galerias, já que o andar térreo é o dos homens – o que, dizem até preferir, para assim poderem conversar à vontade. Daí serem conhecidos estes pisos como “*Os galinheiros*”.

Os membros da CIL não são, em maioria muito zelozos da prática religiosa, à excepção dos *Yom Tov* – os dias santos mais importantes do calendário liturgico, em que a sinagoga enche. Contudo, há uma preocupação, especialmente dos homens em levar os filhos varões com maior regularidade aos serviços religiosos, sobretudo quando se aproxima a idade de fazer *Bar Mitzvah*.

No foro doméstico, observei que se mantém ainda, nalguns agregados de jovens casais, a tradicional divisão de tarefas: as mulheres é que estão encarregues da gestão dos assuntos domésticos, enquanto os homens se incumbem exclusivamente da orientação religiosa. Cito o caso de uma convertida ao judaísmo na CIL, que aprendeu com a mãe de uns amigos da comunidade, a cozinhar *cache* e que afirma que: “*Dois vezes por ano, ele entra na cozinha e inventa...de resto, não faz nada em casa! A loiça, herdei-a dos meus sogros*”. E são as mulheres que cuidam ainda da preparação de *Shabat*, acendem as velas e algumas (poucas) confeccionam a refeição antecipadamente de acordo com os preceitos *cache*. Durante a gravidez, recobro pós-parto e na morte, as mulheres revelam uma enorme dinâmica de entre-ajuda para cuidar dos recém-nascidos, crianças pequenas, levando comida, ajudando nos transportes para a escola ou outras actividades e, quanto aos defuntos, é convocada a *Hevrah Kaddisha* (Irmandade de Socorros aos Defuntos) para as lavagens e preparação do corpo para as exéquias. Existe um grupo desta irmandade para cada sexo respectivo.



A CIL, pela sua reduzida dimensão e percurso histórico, nunca conheceu qualquer desenvolvimento de mobilização femininista. Teve contudo, entre os seus membros, algumas figuras de destaque. Largamente conhecida é **Dona**





**Gracias Mendes Nasi**, *A Senhora*<sup>11</sup> que no sec. XVI, foge da Inquisição em Portugal, refugia-se em Antuérpia, depois Veneza, Ferrara e, finalmente, na Turquia onde, junto do Sultão intercede pelos seus correligionários. A ela, Samuel Usque dedicou a *Consolação às Tribulações de Israel*, chamando-lhe “o coração do seu povo” e Constantinopla ainda hoje tem uma sinagoga com o seu nome.

Já no século XX, outras *Senhoras* judias, se revelaram proeminentes em Lisboa. É o caso de **Hannah Sequerra**, que tendo enviuvado cedo, se dedicou totalmente aos filhos e à CIL, inaugurando as Aulas de Costura, tendo estado na direcção do Amparo aos Pobres (*Somej Nophelim*), Cozinha Económica, *Hevrah Kaddishah*, no apoio aos mortos e na Escola Israelita; **Esther Seruya** – como Delegada da WIZO (Women’s International Zionist Organization), em Portugal, cujo papel de apoio aos refugiados da II Guerra Mundial, nas décadas de 40 e 50 foi reconhecidamente impressionante; **Ruth Arons**, que foi presidente de uma Junta de Freguesia em Lisboa, no finais dos anos 70; a primeira mulher Juiz, na Alemanha, **Elizabete Khan**, que passou o resto da sua vida, como refugiada, em Lisboa; a pintora nascida em Roma, **Laura Cesana**, a pianista de renome internacional, **Nella Maissa**, vinda de Turim, Itália, **Miriam Brodheim** que abriu o primeiro jardim infantil, em 1945, em Lisboa com o Método Montessori; **Ingrid Ryberg**, que trabalhou arduamente dando aulas nas Escolas de Graduadas da Mocidade Portuguesa Feminina ou **Sara Benoliel**, que foi directora da creche dos Hospitais Civis de Lisboa, Professora da Faculdade de Medicina e que manteve um curso e deu aulas de enfermagem para as legionárias da Brigada Naval<sup>12</sup>, **Pésia Kolinski**, empresária e sionista que, sendo ela fugido dos campos de concentração, muito ajudou igualmente os refugiados da *Shoa* (Holocausto Nazi), em Lisboa.

#### *Família como encubadora étnica*

A constituição de uma família, o respeito pelos ascendentes e a procriação são tradicionalmente e continuam a ser, especialmente para os judeus, valores essenciais da sua existência. É na família que estruturam a sua identidade étnica, que fundamentam o sentido de ser judeu, que encontram a sua base fundamental de apoio e refugio, sobretudo para aqueles que vivem

---

<sup>11</sup> Título do romance que Catherine Clément dedicou a Dona Gracia. Outros autores, ver: Marianna D. Birnbaum, *The long journey of Gracia Mendes*, 2003; Andréa Aelion Brooks, *The Woman Who Defied Kings*, Paragon House, 2002; Gad Nassi, Rebecca Toueg, *Doña Gracia Nasi*, Women's International Zionist Organisation, Tel Aviv, 1990; Cecil Roth, *Dona Gracia of the House of Nasi*, The Jewish Publication Society of America, Philadelphia, 1948 e "Nasi, Gracia", in *The Encyclopedia Judaica*.

<sup>12</sup> PIMENTEL, Irene F. *História das organizações Femininas do estado Novo*, Lisboa: Temas e Debates, 2001, pags. 66, 108 e 259.



na diáspora, inseridos muitas vezes em sociedades de acolhimento que lhes são pouco tolerantes, senão mesmo, muitas vezes, hostis. É uma tendência ainda actual mas, simultaneamente, em pequenas comunidades de diáspora como a CIL, torna-se num desafio, o constituir um agregado familiar de acordo com as leis mais rígidas do Levítico.

Como pude observar com o meu estudo antropológico, a **estrutura das famílias** da C.I.L., em pouco diverge daquela que predomina na sociedade portuguesa envolvente, ambas assentes nos valores da tradição judaico-cristã que vingou e vigora ainda no mundo Ocidental. Tal significa um pendor para a monogamia endogâmica, a constituição de unidades familiares nucleares de linhagens patrilineares, com o objectivo da procriação e amparo dos indivíduos, com distinção horizontal dos papéis entre os sexos e vertical, entre gerações. Por questões de preservação étnica, no entanto, a maioria das famílias judaicas analisadas em Lisboa revelam privilegiar um maior grau de conservadorismo e de endogamia, prevalecendo o sentimento de entre-ajuda entre os seus membros. Chamo assim à família judaica - a *encubadora étnica*, por excelência, pois continua a ser um dos pilares fundamentais dos judeus<sup>13</sup>.

O sentido da multiplicação pela procriação é um dos mais profundos da mãe judia e reflecte a tendência religiosa pós-exílio, de engrandecimento da família e da nação israelita. Com a perda da independência política, passou a ser dada ênfase à preservação étnica, mas o objectivo continuou o mesmo, na diáspora: a sobrevivência do grupo e a salvaguarda do maior número possível dos seus membros. Da C.I.L., um jovem da comunidade, quando entrevistado, afirmou mesmo que “o princípio fundamental do judaísmo é perpetuar um povo”.

Uma das figuras mais difundidas do judaísmo ocidental é a da *Yiddish Mama*, caracterizada por um apego desmedido à sua prole. Esse sentimento maternal excessivo suscita inclusivamente uma enorme quantidade de anedotas que integram o humor judaico.<sup>14</sup>

O facto de ter sido primeiro às mulheres que foi dada a Torah, ou seja ter sido a mulher judia que foi escolhida como veículo da Lei, é revelador do profundo tributo que lhe é devido. Até porque sem elas não seria possível qualquer vida judaica. Na verdade, segundo a lei judaica, a *Halakah*, judeu é filho de mãe judia ou aquele que se converteu ao judaísmo. Daí a importância atribuída à mulher, por ser considerada o veículo-condição de transmissão judaica à descendência e daí também, a necessidade do recurso à endogamia, isto é, da procura de uma judia ou de um judeu para casar, sobretudo sentida pelos homens judeus. A razão vem também na Bíblia e é simples:

<sup>13</sup> PIGNATELLI, M. *Interioridades e Exterioridades dos Judeus de Lisboa*, Lisboa: ISCSP, 2008.

<sup>14</sup> OUKNIN, M. e ROTNEMER, D. *A Bíblia do Humor Judaico*, Lisboa: Contexto Editora, 1996, p. 161-172.



"filhos das minhas filhas, meus netos são. Filhos dos meus filhos serão ou não" Isto explica-se porque: a nossa mãe, essa, pelo menos em princípio, sabemos sempre quem é.

Se, enquanto às mulheres, basta nascerem filhas de mães judias, o que implica que a mãe tenha que ser reconhecida como tal por um grupo de judeus constituído como entidade, isto é, como comunidade, para que um varão seja judeu, ele precisa não apenas de ter mãe judia mas também de ser introduzido na descendência de Abraão, pela cerimónia da circuncisão (*brit milah*), ao oitavo dia do seu nascimento. Deste modo, fará o pacto da aliança com o seu povo, ficando também filho de Abraão, enquanto as raparigas, pela simples cerimónia de nomeação (a que se chama "fazer as fadas"), logo à nascença, entram na linhagem de Sara. Este é um dos grandes dilemas entre os jovens judeus de Lisboa, que são pouco. Sobretudo para os rapazes que, para encontrarem noiva judia para garantir a continuidade da identidade judaica dos filhos, têm designadamente, de aceder a sites próprios de *Dating* de judeus na *internet*, deslocar-se ao estrangeiro onde quer que se realizem encontros de jovens judeus (bailes dançantes, jantares ou outras festas) por vontade própria ou impulsionados pelos pais que, muitas vezes enviam os filhos para estudar noutros países onde saibam que existem comunidades judaicas numerosas. Caso contrário, terão de enfrentar grande resistência nos progenitores e na comunidade, se aparecerem com uma namorada não judia (Goy). As conversões não são normalmente serenas nem rápidas, na CIL o que, para um jovem casal de enamorados surge como fonte de tensão, tensão essa, que, muitas vezes não é ultrapassada depois do casamento, originando rupturas e outras tensões, especialmente no que concerne à educação religiosa da prole.

Foi curioso constatar os resultados da aplicação de um teste de identidade aos membros da CIL, o TST (*Twenty Statements Test*) em que lhes foi pedido que seleccionassem 20 cartões com afirmações de resposta à questão: *Quem sou eu?* e depois os colocassem por ordem de prioridade. Em primeiro lugar recaiu a opção sobre o item relativo a "sou homem", seguido de "sou mãe", depois "sou mulher" e "sou pai". Em quarto lugar, então aparece o cartão com "sou judeu", seguido de todos os outros 16 itens. Tal traduz bem a importância atribuída pelos judeus à sua identidade de género e o peso que tem serem progenitores e descendentes de Abraão.

### *Conclusão*

Persistem como desafios aos judeus da actual CIL, tanto homens como mulheres, sem dúvida, a defesa dos valores essenciais que parece, continuam a ser: a família (respeito aos pais e constituir uma), o ensino, a sua identidade (ser eu próprio); ajudar o próximo (valores da



solidariedade e entre-ajuda); a tendência para procurar as origens histórias, religiosas, culturais (culto / cultura); a dinamização de instituições étnicas / espaços comunitários (escolas, museus, clubes); a abertura a casamentos mistos (conversões); a velha questão judaica (polémica entre os mais clássicos que defendem os 613 mandamentos *by the book* e os pós-modernos que se divertem com isto porque está na moda procurar alternativas); e finalmente a *Alyah* (um mandamento / uma aventura face ao reacender do anti-semitismo, desde a 2ª Entifada, em 2000).

### *Bibliografia*

- BARATA, Óscar Soares. *Introdução às Ciências Sociais*, 2 Vols., Lisboa: Bertrand Editora, 1986.
- GARCIA, M.A. *Judaísmo no Feminino*, Lisboa: Instituto de Sociologia e Etnologia das Religiões - Universidade Nova de Lisboa, 2006.
- OUAKNIN, M. e ROTNEMER, D. *A Bíblia do Humor Judaico*, Lisboa: Contexto Editora, 1996.
- PIGNATELLI, M. *Interioridades e Exterioridades dos Judeus de Lisboa*, Lisboa: ISCSP, 2008.
- PIGNATELLI, M. *A Comunidade Israelita de Lisboa: o passado e o presente na construção da etnicidade dos judeus de Lisboa*, Lisboa: ISCSP, 2008.
- PIMENTEL, Irene F. *História das organizações Femininas do Estado Novo*, Lisboa: Temas e Debates, 2001.
- SCHWARTZ, Samuel. *História da Moderna Comunidade Israelita de Lisboa*. Separata de *O Instituto*, Lisboa, Vol. 119 e 120, 1959.
- STEINSALTZ, A. *Hommes et femmes de la Bible*, Paris: Albin Michael, 1990.